

6. Diálogo de um Desesperado com o seu *ba*





6.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse





O *Diálogo de um desesperado com o seu ba* é mais um texto que surge num único manuscrito conhecido, em escrita hierática: o *Papiro Berlim 3024*. Integrando até 1843 a Coleção Athanasi¹, é um papiro que, através de Richard Lepsius, foi adquirido nessa altura pelo Königliche Preussische Museum, mais tarde os Staatlichen Museen de Berlim, conjuntamente com outros objectos e papiros (entre eles uma cópia da *História de Sinuhe* e duas do *Conto do Camponês Eloquentemente*). É um papiro dos finais da XII dinastia, do qual se perdeu o início mas se preservou a parte final que apresenta cólofon. Segundo Barta, é possível que o óstraco «Gardiner 369» contenha uma parte do início perdido². Parkinson afirma que tendo em conta a linguagem, o original deve ter sido composto poucas décadas antes de efectuada esta cópia³. O seu comprimento é de 3,50 metros e a sua largura de 16 cm. Contém sete folhas, das quais as primeiras têm 44 cm de comprimento e as últimas apresentam alguma variação. Cerca de 2,50 metros deste papiro é palimpsesto, tendo sido preservadas perto do final do *recto*, 25 colunas de outro texto, a história de um pastor e de uma deusa, que Goedicke designa por «História do pastor»⁴. Como habitualmente, foram utilizadas a tinta negra e a encarnada, ainda que esta última apenas tenha servido para escrever o cólofon.

Com excepção de algumas falhas no início, encontra-se em perfeito estado de conservação, desenvolvendo-se por 155 colunas, numa escrita hierática muito bem desenhada, fluente e de bonito efeito⁵. Tal como outros papiros anteriores, também este tem numerosos erros e omissões, sobretudo mais na sua parte final. Não se sabe ao certo quantas colunas faltarão no início, mas como a primeira folha tem catorze colunas e 22 cm de comprimento, o que representa metade das outras folhas iniciais, pelo menos catorze colunas estão em falta nesta página. Isto contando os 44 cm por inteiro! Mas, no início dos papiros, os escribas deixavam sempre uma margem maior para evitar que qualquer deterioração avançasse até ao texto. Essa margem era variável podendo atingir os 10 cm, ou seja, seis ou sete colunas. Sendo assim, a primeira página deveria ter 21 colunas e não 28. Ora as sete colunas em falta seriam manifestamente pouco espaço para as frases de abertura à laia de título, a primeira inter-

¹ Vide em *Conto do Camponês Eloquentemente*, o capítulo «Os papiros e a sua origem».

² W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 10.

³ R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 154.

⁴ H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 2.

⁵ H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, pp. 218, 220, 222, 224, 226, 228, 230, 232; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, pl. 1-10; W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, em anexo fotográfico não numerado.



venção do homem ao qual o *ba* responde e, eventualmente, algumas referências às divindades invocadas na disputa, que surgem na primeira parte preservada⁶. Por isso é provável que falte uma outra página antes, num total de cerca de 35 linhas (21+14).

Contudo, Barta chega a uma conclusão diferente de Goedicke e confirma-a de duas formas distintas, sem se afastar da ideia de que são raciocínios hipotéticos. A diferença de um centímetro no tamanho total do papiro (351 cm) é irrelevante, mas os 41 centímetros para o comprimento médio de cada uma das oito folhas completas e os 19,5 centímetros para a primeira folha conservada incompleta, já fazem diferença. Tal como Goedicke, ou nós próprios, conta 155 linhas num espaço de 240,6 centímetros, em que cada coluna tem uma largura de cerca de 1,6 centímetros, o que determina que uma folha completa tivesse 25 colunas. A primeira folha, que está incompleta, tem treze colunas, o que quer dizer que faltam doze colunas. Considerando-se que faltam duas folhas antes e não uma, como pretendia Goedicke, temos um total em falta de 62 colunas (12+25+25)⁷. Note-se que se considerarmos apenas uma folha em falta, Barta obtém um resultado muito semelhante ao de Goedicke (12+25=37). Mas como é que se chega à falta de duas folhas? Através do outro processo de contagem que é a base de todo o trabalho de Barta: a contagem dos *cola*, sobre a qual nos debruçamos na Introdução da Antologia. Como o mais pequeno elemento de construção métrica, o *cólon* pode oferecer uma possível base de medida.

Com excepção das respostas mais curtas do *ba*, todos os discursos são formados por quatro estrofes, ficando de fora pequenas frases intercalares, de características narrativas, que introduzem os discursos: os do *ba* foram construídos com duas sílabas tónicas e os do homem com três. Uma única excepção nessas introduções (embora o segundo discurso do homem também seja atípico): o terceiro discurso do *ba*, que é um verso de quatro tónicas, impossível de decompor porque isso poria em causa a sua unidade relativa (o complemento directo – boca – separar-se-ia do predicado – responder – introduzindo o segundo verso). Não sendo de admitir um erro do copista, uma vez que pelas outras introduções ele seria capaz de usar fórmulas mais curtas, a colocação de um raro caso de uma construção de quatro tónicas neste local, só pode ficar a deve-se a um caso muito especial: funciona como charneira de todo o

⁶ H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, pp. 2 e 83.

⁷ W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, pp. 60-61.



texto⁸. O quadro de síntese que Barta nos apresenta para a organização geral deste texto poético, que nós reproduzimos, ajuda-nos a perceber a contagem dos *cola*:

| | |
|---------------------------|-------------------------|
| I. Discurso do homem | |
| Introdução | 3 tónicas |
| Discurso | 69 tónicas |
| I. Discurso do <i>ba</i> | |
| Introdução | 2 tónicas |
| Discurso | 7 tónicas |
| II Discurso do homem | |
| Introdução | - - - - - |
| Discurso | 54 tónicas |
| III Discurso do <i>ba</i> | |
| Introdução | 4 tónicas |
| Discurso | 89 tónicas |
| III Discurso do homem | |
| Introdução | 3 tónicas |
| Discurso | 210 tónicas |
| IV Discurso do <i>ba</i> | |
| Introdução | 2 tónicas |
| Discurso | 19 tónicas ⁹ |

Considerando a frase de quatro tónicas o meio da composição, vemos que 135 *cola* antecedem-na (3+69+2+7+54) e 323 *cola* seguem-na (89+3+210+2+19). Considerada a diferença entre estes dois resultados, o equilíbrio entre duas metades iguais só seria possível se no início existissem mais 188 tónicas (323–135), sendo este o número de *cola* perdidos. Como cada linha tem em média três tónicas, devem ter existido 63 linhas antes do primeiro discurso completo do homem. Tendo-se conservado em estado fragmentário, as últimas três linhas do que se pensa ter sido o primeiro discurso do *ba*, faltariam assim cerca de 60 linhas ao papiro, um número muito próximo dos cálculos que têm em consideração a extensão do papiro e o número de colunas por página¹⁰.

A grande conclusão que se tira destes cálculos, é que se pode ter perdido cerca de um quarto deste texto. Uma vez que chegaram até nós seis intervenções, três do homem e três de *ba*, é provável que estejam em falta uma fala introdutória do homem e a primeira réplica de *ba*, da qual temos a conclusão. Assim, cada um falaria quatro vezes, um número muito pre-

⁸ Embora este não seja um texto mágico, é de lembrar em *O Camponês Eloquente* o significado dos números três e quatro.

⁹ W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 60.

¹⁰ W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 60.



sente neste texto (falas, estrofes das conversas longas, tónicas da frase charneira...) e de grande significado para os Egípcios. Pelo facto de se ter perdido o seu início, não conhecemos nem o motivo nem as circunstâncias mais próximas do discurso desta obra literária realmente única, sem paralelo real na literatura egípcia. Embora sem a marcação dos pontos que encontramos noutros textos, ou da utilização da tinta encarnada, a estrutura literária deste texto é, também na nossa opinião, poética, mas é bom não esquecer que em relação a este texto têm surgido diversas opiniões e, em parte, completamente opostas. É um discurso que está organizado simetricamente, o que é muito visível sobretudo na segunda metade, onde mantém uma cadência muito sugestiva nas últimas estrofes, parecendo até existirem refrães, pelo insistente uso de anáforas. No plural e não no singular, porque não parece estarmos na presença de um poema, mas num encadeado de poemas, facilmente separáveis uns dos outros. Pelo tema – reflexões sobre a morte – e pela estrutura literária, quase diríamos estar na presença de uma canção de harpista, não fosse o protagonista estar vivo e a desusada extensão que no seu todo apresenta! A estas dificuldades, acrescente-se o facto de termos que determinar o significado de uma quantidade de palavras raras ou mesmo desconhecidas.

As obras de Erman, Barta e Goedicke, a primeira ainda do século XIX, são fac-similadas, com excelentes fotografias e transcrição para egípcio hieroglífico; há ainda outra transcrição do egípcio hierático para o egípcio hieroglífico feita por Faulkner¹¹. São estas as nossas fontes para este trabalho.

Sinopse. Este texto representa a introspecção de um homem vivo que se debate entre as opções de continuar a viver ou morrer, assumindo o homem a defesa da morte e o *ba* a defesa da vida. Não é um texto religioso. O homem, anónimo, está num dualismo – tão típicos na cultura egípcia – em que procura uma saída pelo suicídio, sendo confrontado pela sua própria alma, se quisermos, consciência, que o tenta dissuadir de levar avante os seus intentos. Nenhuma destas palavras é inteiramente correcta para definir *ba*¹², um dos complexos princípios espirituais da personalidade humana ou divina que constituíam a totalidade espiritual de cada indivíduo, que, inclusive, compreendia uma componente física ao nível da personalidade

¹¹ A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*; W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*; R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life».

¹² Manteremos a palavra original na tradução. Os outros dois elementos eram o *ka* e o *akh* (L. ARAÚJO, «Ba», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 131-132).



e, até, do desejo sexual, através do qual a pessoa se manifestava em vida ou na morte. Mas uma vez que o homem fala consigo próprio, com o seu eu, embora redutoras, talvez nenhuma delas seja totalmente inusitada, tendo nós particular inclinação para a segunda.

O motivo da sua indecisão é o facto de estar completamente alienado pelo mundo que o rodeia e, principalmente, sem saber como encarar a morte e o que esperar depois dela. A própria morte era entendida pelos Egípcios de forma dualista, com respeito e temor. O seu *ba* discorda e opõe-se defendendo a vida e argumentando, de forma muito pragmática, que a morte é dolorosa. Há claramente uma inversão de papéis. Essa inversão e esse pragmatismo do *ba* surgem em coisas tão simples como o facto de o homem para se referir à morte optar por expressões como o «santificado Ocidente» e o *ba* preferir a palavra, nua e crua, «morte»; ou o facto de para o homem a morte ser um porto de abrigo e para a alma um naufrágio. Os discursos do homem e do *ba* vão-se alternando desde um discurso de *ba* que desconhecemos, mas do qual temos a resposta do homem, até ao discurso final do *ba*, antes do cólofon. Temos três intervenções do homem e quatro do *ba*, sendo que a primeira é incompreensível. Por fim, quando poderíamos prever o triunfo da vida sobre a morte, a alma concorda com o homem num discurso onde pela primeira vez em todo o texto é utilizada a palavra «nós».





6.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada





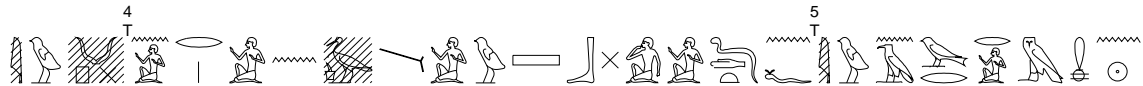
tn r dd n nm^c.n [ns.s]n

... vós, destinado a dizer¹... .. As suas línguas não podem ser parciais!



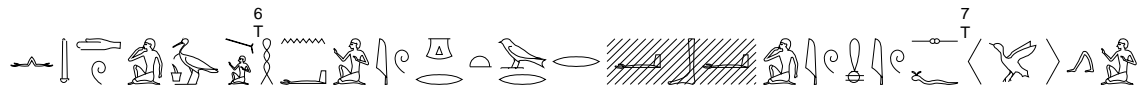
i[w] r h3[bb ...] db3w n nm^c.n ns.sn

Isso pode ser uma retribuição ... desonesta²! As suas línguas não podem ser parciais!»



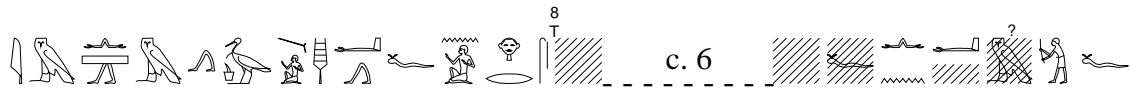
iw wpi.n.i r3.i n b3.i wsb.i ddt.n.f iw n3 wr r.i m min

Eu abri a minha boca para o meu *ba*, para responder ao que ele dissera: «Isto é muito grande para mim hoje³!



n mdw b3.i hn^c.i iw grt wr r 'b^c iw mi wsf.i

O meu *ba* não fala junto comigo! Isso agora é um grande exagero! Isso é como que ignorar-me!



imi sm b3.i h^c.f n.i hr.s [... ..].f nn [... ..].f

O meu *ba* não deve partir. Deve permanecer firme comigo nisto. (?). Não (?).



[... ..].f m ht.i m šnw nwḥ nn hpr m^c.f rwi.f hrw

Ele no meu corpo como uma armadilha⁴ de corda. Isso não acontecerá por seu intermédio, se ele partir no dia



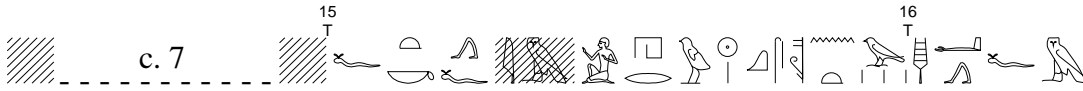
ksnt mt n b3.i hr thit.i n sdm.n.i n.f hr st3.i

de infortúnio⁵! Vejam⁶, o meu *ba* está a enganar-me! Eu não devo ouvi-lo. Arrasta-me⁷



r mt n iit n.f hr h3^c hr ht r s3mt.i [... ..] mnt.f

para a morte porque não chegava (eu) a ela! Lança-(me)⁸ ao fogo para que eu me queime! seu semelhante



[... ..]f tkn.f im.i hrw ksnt ḥḥf m

... .. (?) . Ele tem que estar perto de mim no dia da morte! Ele deve ficar



pf gs mi iri nhpw p3 is pw prr inif sw r.f b3.i wh3 r

deste lado, como «o que reza»⁹ faz! Na verdade é ele quem deve ir à frente, uma vez que ele foi a sua própria origem! O meu ba foi ignorante ao



sdh 3hw hr ḥnh ihm wi r mt n iit.i n.f sndm n.i imnt

minimizar o sofrimento relativamente à vida! Deténs-me em relação à morte e eu (ainda) não cheguei lá! Faz com que me seja agradável o Ocidente!



in iw ksnt pw phrt pw ḥnh iw ḥtw hr.sn ḥnd r.k hr isft

Isto é difícil? A vida é um estado transitório; (só) as árvores caem! Deita abaixo o mal



w3h m3ir.i wdḥ wi dhwtj ḥtp ntrw

e derruba a minha miséria! Possa julgar-me Tot, o que apazigua os deuses!



hsf ḥnsw hr.i sš m m3ḥt sdm rḥ mdw.i sg wi3

Possa Khonsu, o que escreve em verdade, defender-me! Possa Ré, o que controla a barca sagrada, ouvir as minhas palavras!



hsf isds hr.i m ḥt dsr[t hr] ntt s3ir.i wdn

Possa Isdés¹⁰, na sala sagrada¹¹, defender-me! Para que a minha miséria¹² seja (mais) forte,



m [3tpw (?)] f3i.n.f n.i ndm hsf ntrw št3w ḥt.i

ele aumentou o peso¹³ sobre mim! Será agradável aos deuses protegerem os segredos do meu corpo!»



ddt.n n.i b3.i n ntk is s iw.k tr 'nh't ptr km.k mhy.k hr

Ao que o meu *ba* me disse¹⁴: «Tu não és um homem? Na verdade, estando vivo, o que¹⁵ ganhas em ponderar sobre



'nh' mi nb-'h'w dd.i n sm.i iw nf3 r t3 nhmn

a vida como um homem rico¹⁶?» Eu disse: «Eu ainda não parti desta terra¹⁷! De facto,



tw hr tfyt nn nwit.k hnr nb hr dd iw.i r itit.k

se te escapares, não te importará! Todos os prisioneiros dizem: “Eu vou agarrar-te com firmeza!”



iw grt.k mt rn.k 'nh' st nf3 nt hnit 'fd(t) nt ib dmi pw imnt

Além disso, quando estiveres morto, o teu nome estará vivo e aquele será um lugar iluminado, atractivo¹⁸ para o coração. O Ocidente é o cais¹⁹



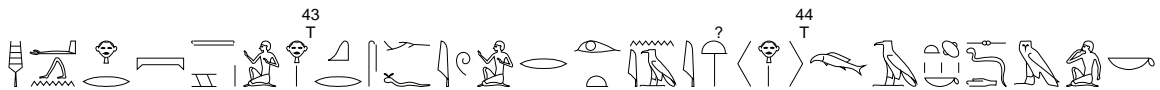
h'nit ks[... ..] hr ir sdm.n.i b3.i iw[ty] bt3

... .. viagem²⁰ à vista! Se o meu *ba* me ouvir que não é maldoso,



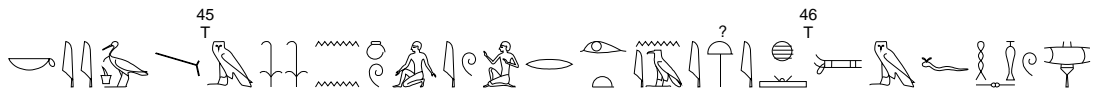
twt ib.f h'n'.i iw.f r m'r rdi.i ph.f imnt mi nty m mr.f

com o seu coração de acordo com o meu, será bem sucedido. Eu farei com que alcance o Ocidente, como alguém que está na sua pirâmide



'h'.n hry-t3 hr krs.f iw.i r irit ni3i hr h3t.k sddm.k

e de cujo enterro era esperado um sobrevivente. Eu farei uma cobertura²¹ para o teu cadáver e tu farás inveja



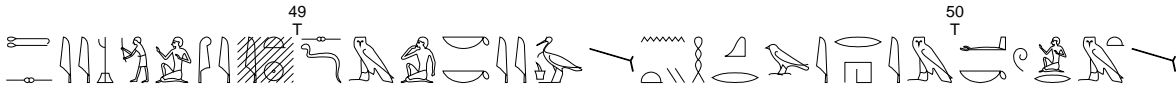
ky b3 m nnw iw.i r irit ni3i ih' tm.f hsw

a (qualquer) outro *ba* cansado. Eu farei uma cobertura, (assim) serás aquele que não é frio²²,



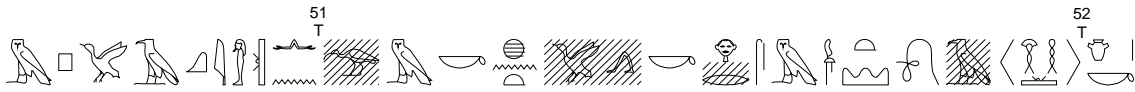
sḏm.k ky b3 nty t3w swr.i mw hr b3b3t

e farás inveja a (qualquer) outro *ba* que²³ seja quente. Irei beber água nos remoinhos da margem do rio



tsy.i šwyt sḏ[d]m.k ky b3 nty ḥkr ir ihm.k wi r mt

(onde) farei aparecer sombra e tu farás inveja²⁴ a (qualquer) outro *ba* ávido²⁵. Mas se tu me impedes²⁶ de morrer



m p3 ki nn gmi.k ḥnit.k hr.s m imnt w3ḥ ib.k

desta maneira, não irás encontrar um lugar onde descansar no Ocidente!
Acalma o teu coração,



b3.i sn.i r ḥprt iwꜥw.i drpty.fy ꜥḥt.fy hr ḥ3t hrw krs

meu *ba*, meu irmão, até o meu herdeiro chegar, aquele que fará oferendas, que permanecerá no túmulo no dia do enterro



s3y.f ḥnkyt nt ḥrt-ntr wpi.n n.i b3.i r.f wšb.f ḏdt.n.i

e preparará a cama²⁷ na necrópole.» O meu *ba* abriu a sua boca e ele respondeu ao que eu dissera²⁸:



ir šḥ3.k krs nḥ3t-ib pw init rmyt pw m sind s

«Se pensares no enterro, isso será doloroso! Isso provoca as lágrimas, fazendo do homem um miserável!



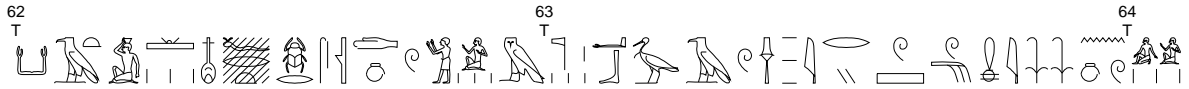
šḏit s pw m pr.f ḥ3ꜥ hr k33 nn pri.n.k r ḥrw m33.k rꜥw

Isso é como tirar um homem de sua casa e atirá(-lo) para a terra alta²⁹! Não te voltarás a erguer para ver os dias³⁰!



ḳdw m inr n m3t ḥwsiw m mrw nfrw m

Aqueles que constroem³¹ com pedra de granito, que levantam bons túmulos de



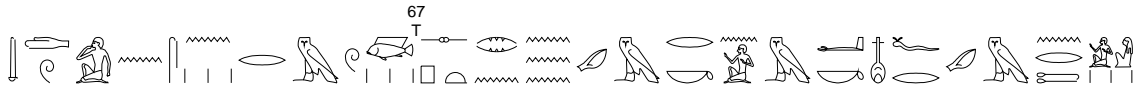
k3wt nfrwt hpr skdw m ntrw b3w iry wšw mi nnw

excelente construção, quando os construtores³² se tornam deuses as suas mesas de oferendas estão desoladas, como a morte



mtw hr mryt n g3w hry-t3 itj.n nwy phwy.ft šw m mitt iry

dos que morrem nos bancos de areia, por não haver um sobrevivente quando as águas e o sol já se apropriaram do seu fim,



mdw.n.sn rmw spt n mw sdm.r.k n.i mk nfr sdm n rmt

e os peixes e as margens da água falam para eles! Ouve-me! Olha, é bom para as pessoas ouvir!



šms hrw nfr smh mh iw nds sk3.f šdw.f iw.f 3tp.f

Abraça um dia feliz e esquece as preocupações! Um camponês lavra a sua parcela de terra³³. Carrega³⁴



šmw.f r hnw dpt st3.f skdwt hb.f tkn m3n.f

a sua colheita destinada à subsistência para dentro do barco e reboca a embarcação³⁵. A sua festa aproxima-se e ele vê³⁶



prit wht nt mhyt rs m dpt r' hr k pri hn' hmt.f

aparecer a escuridão de uma tempestade vinda do norte. Ele³⁷ aguardou no barco até o sol entrar³⁸. Então saiu com a mulher



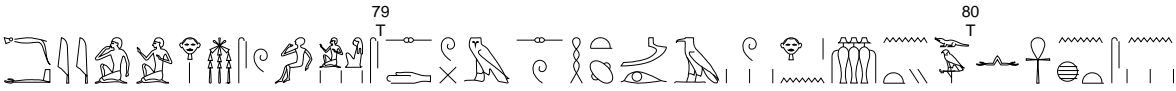
msw.f 3k tp š šn m grh hr mryt dr.in.f hmsi psš.f

e as suas crianças, e passaram um mau bocado num lago com crocodilos durante a noite sujeitos aos crocodilos. Quando ele finalmente se sentou, ele rompeu



m hrw hr dd n rmi.i n tβ mst nn n.s prit m imnt r kt hr t3

com a voz³⁹ e disse: “Eu não choro aquela mãe, para quem não há regresso do Ocidente para outra (permanência) na terra!



mhy.i hr msw.s sdw m swht m33w hr n hnti n 'nht.sn

Eu preocupo-me com os seus filhos, dentro do ovo, que viram o rosto de Khenti antes de terem nascido!”



iw nds dbh.f mšrwt iw hmt.f dd.s n.f iw r msyt iw.f pri.f

Um camponês pergunta pela refeição da noite⁴⁰. A sua mulher⁴¹ diz-lhe: “É para o jantar⁴².” Ele saiu



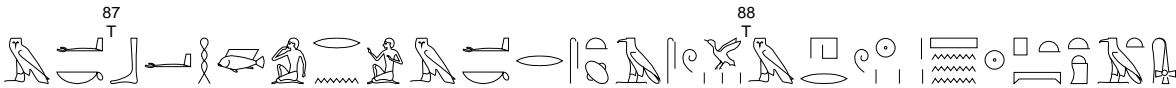
r hntw r sst r 3t 'nn.f sw r pr.f iw.f mi ky hmt.f hr šs3.n.f

para o exterior para vociferar⁴³ por um momento. Quando voltou para casa estava como (qualquer) outro (homem): a sua mulher argumentava



n sdm.n.f n.s st.n.f wš ib n wpwtyw iw wpi.n.i r.i n b3.i wšb.i ddt.n.f

e ele não a ouvia. Ao queixar-se⁴⁴, destruiu o espírito das pessoas presentes.» Abri a minha boca para o meu ba e respondi ao que ele dissera:



mk bch rn.i m-c.k r sti 3sw m hrww šmw pt t3t

Olha, o meu nome é detestado por tua causa⁴⁵, mais do que o cheiro dos abutres nos dias de Chemu quando o céu está quente.



mk bch rn.i m-c.k [r sti] šsp sbnw m hrw rsf pt t3t

Olha, o meu nome é detestado por tua causa, mais do que o cheiro⁴⁶ de uma pescaria num dia de pesca em que o céu está quente.



mk bch rn.i m-c.k r sti 3psw r bw3t nt triw

Olha, o meu nome é detestado por tua causa, mais do que o cheiro dos patos⁴⁷, mais do que um abrigo de juncos



hr msyt mk bch rn.i m-c.k r sti h3mw r

cheio de aves aquáticas. Olha, o meu nome é detestado por tua causa, mais do que o cheiro dos pescadores, mais do que



h3sw nw s3w h3m.n.sn mk bch rn.i m-c.k r sti

as enseadas dos pântanos onde pescam. Olha, o meu nome é detestado por tua causa, mais do que o cheiro



ms3w r hmsit hr idbw hr mrryt mk bch rn.i m-c.k r

dos crocodilos, mais do que estar sentado na margem de um rio cheio de crocodilos⁴⁸. Olha, o meu nome é detestado por tua causa, mais do que



st hmt dd grg r.s n t3y mk bch rn.i m-c.k r

aquela mulher cujas mentiras são denunciadas ao (seu) marido. Olha, o meu nome é detestado por tua causa, mais do que



hrd kni dd r.f iw.f n msdw.f mk bch rn.i m-c.k [r]

uma criança saudável de quem se diz ser de alguém que lhe tem ódio. Olha, o meu nome é detestado por tua causa, mais do que⁴⁹



dmi n ity 3nn b3tw m33 s3.f dd.i n m min snw bin

uma cidade do soberano⁵⁰ que institui uma rebelião contemplando as suas costas. Com quem posso falar hoje⁵¹? Com os irmãos é mau,



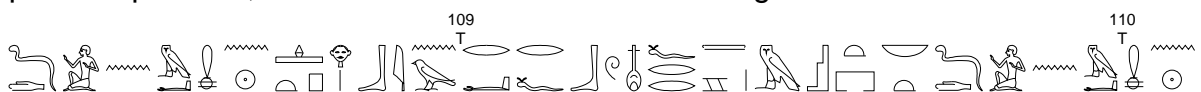
hnmsw nw min n mri.ny dd.i n m min 3wn ibw s nb

os amigos de hoje não amam. Com quem posso falar hoje? Com os corações é ambicioso, cada homem



hr itit ht snw.fy [dd.i n m min] iw sf 3k nht hr h3iw n bw nbw

apropria-se dos assuntos do seu igual⁵². [Com quem posso falar hoje?] A piedade pereceu, a violência tomou conta de toda a gente.



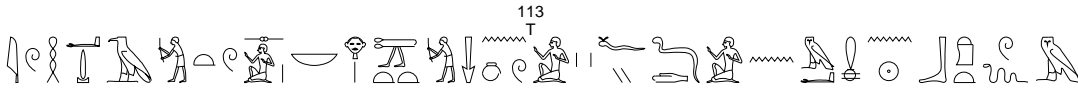
dd.i n m min htp hr bin rdi r.f bw nfr r t3 m st nbt dd.i n m min

Com quem posso falar hoje? Um está satisfeito com o mal, o bem foi atirado ao chão em por todo o lado. Com quem posso falar hoje?



sh^cr s m sp.f bin ssbt.f bw nbw [m] iw.f dw dd.i n m min

Aquele que enfurece um homem com a sua má conduta, escarnece de toda a gente [com] o seu mau comportamento. Com quem posso falar hoje?



iw h^cd3.tw s nb hr i3t snw.fy dd.i n m min bt3w m

Eles pilham, cada homem rouba o seu igual. Com quem posso falar hoje? O malfeitor é um



k^c-ib sn irr hn^c.f hpr m hfty dd.i n m min n sh3t sf

amigo íntimo, o irmão que fará com que (qualquer) acontecimento se torne um inimigo. Com quem posso falar hoje? O ontem não é lembrado,



n irit n ir m t3 3t dd.i n m min snw bin inn.tw m

não se faz por aquele que fez (o bem) em aquele momento. Com quem posso falar hoje? Com os irmãos é mau, um regressa ao



drdrw r mtt nt ib dd.i n m min hrw htm s nb

estrangeiro⁵³ por amizade. Com quem posso falar hoje? Os rostos estão inexpressivos, cada homem



m hr m hrw r snw.f dd.i n m min ibw wn nn wn ib n s

está com o rosto abatido em relação aos seus irmãos. Com quem posso falar hoje? Os corações são ávidos⁵⁴, não há nenhum coração humano que seja



rhn.tw hr.f dd.i n m min nn m3tyw t3 spi n iriw isft

de confiança. Com quem posso falar hoje? Não há homens justos, a terra foi abandonada aos malfeitores.



dd.i n m min iw sw m k^c-ib inn.tw m hmm r srht nf

Com quem posso falar hoje? Falta um amigo íntimo, um regressa como um desconhecido para se lamentar.



dd.i n m min nn hr-ib pf3 sm hn'f nn sw wn dd.i n m min

Com quem posso falar hoje? Não há ninguém que esteja satisfeito, aquele com quem se caminhava não existe mais. Com quem posso falar hoje?



iw.i 3tp.kwi hr m3'ir n g3w 'k-ib dd.i n m min

Estou sobrecarregado pela miséria, por falta de um amigo íntimo. Com quem posso falar hoje?



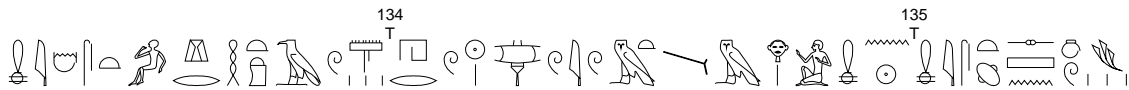
nf hwi t3 nn wn phwy.fy iw mt m hr.i {m} min [mi] snb mr

Deambular errático pela terra; não há fim para isso. Hoje⁵⁵ a morte é para mim como⁵⁶ a cura para um homem doente,



mi prit r hntw r-s3 ihmt iw mt m hr.i min mi sti 'ntyw

é como sair para o exterior depois de estar detido⁵⁷. Hoje a morte é para mim como a fragrância da mirra,



mi hmsit hr ht3w hrw t3w iw mt m hr.i min mi sti s3nw

é como estar sentado sob um toldo num dia de vento. Hoje a morte é para mim como a fragrância do lótus,



mi hmsit hr mryt nt tht iw mt m hr.i min mi w3t hwyt

é como estar sentado na margem embriagado. Hoje a morte é para mim como um caminho muito trilhado⁵⁸,



mi iw s m m3' r pr.sn iw mt m hr.i min mi kft pt mi

é como um homem de uma expedição que chega a casa deles⁵⁹. Hoje a morte é para mim como o céu límpido, é como



s sht im r hmt.n.f iw mt m hr.i min mi 3bb s m33 pr.sn

um homem que descobre o que antes ignorava. Hoje a morte é para mim como um homem desejoso de ver⁶⁰ a casa deles,



iri.n.f rnpwt ʕš3t m ndr̄t wnn ms nty im m nṯr ʕnh hr ḥsf iw n irr sw

depois de ter passado muitos anos em cativo. De facto, aquele que está lá⁶¹ é um deus vivo, que pune as más acções daquele que as faz⁶².



wnn ms nty im ʕḥ̄c m wi3 hr rd̄it dit stpt im r r-prw

De facto, aquele que está (no Além) deve manter-se firme na barca sagrada⁶³, distribuindo alimentos cuidadosamente aí escolhidos aos templos.



wnn ms nty im m rh-ḥt n ḥsf.n.t[w].f hr spr n rʕ ḥft mdw.f

De facto, aquele que está (no Além) é um sábio, ninguém se lhe opõe ao apelar a Ré quando fala.»



dd̄t.n n.i b3[i] imi r.k nhwt hr ḥ33 n(y)-sw.i pn sn.i

Ao que o meu⁶⁴ ba me disse: «Atira as lamentações por cima da sebe⁶⁵! Este pertence-me a mim⁶⁶, meu irmão!



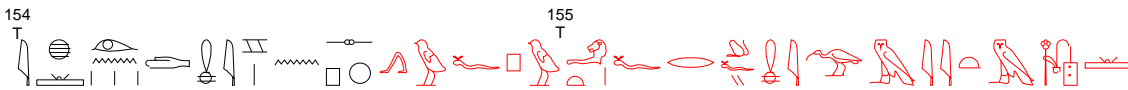
wdn.k hr ʕḥ̄ dmi.k hr ʕnh mi dd̄.k mri wi ʕ3 win.n.k

Possas tu fazer oferendas ao braseiro e maneres-te com vida de acordo com o que disseste! Ama-me aqui e põe de lado



imnt mri ḥm ph̄.k imnt s3ḥ ḥʕw.k t3 ḥny.i r s3 wrd̄.k

o Ocidente! Quando for desejável que alcances o Ocidente, então o teu corpo juntar-se-á à terra e eu alinharei⁶⁷ logo após tu teres-te esgotado.



iḥ iri.n dmi n sp iw.f pw ḥ3t.f r ph̄.fy mi gmyt m sš

Então alcançaremos o cais juntos. **E acabou, do princípio ao fim, como o que se encontrou na escritura.**



NOTAS:

- ¹ Este seria, tanto quanto é possível compreender, o primeiro discurso de *ba*, sem que se possa saber se já seria uma resposta a algo dito anteriormente. Em função do que existe, será considerado o primeiro discurso de *ba*. Com a frase tão incompleta é difícil traduzir da forma mais correcta a preposição *r*: «destinado a», «mais do que», «ao contrário de», «segundo», «relativo a»... Do mesmo modo, o pronome independente *tn* refere-se a algo dito anteriormente, uma vez que os pronomes dependentes não podem encontrar-se no princípio das frases, seguindo sempre um elemento com o qual formam uma unidade acentuada. O facto de estar no plural, sugere que a alma pode estar a dirigir-se a uma audiência ou, como avança Parkinson, «o homem pode então ter descrito como ele e a sua alma tiveram uma discussão se estivesse num tribunal: detalhes gramaticais sugerem que o diálogo teve lugar antes de uma audiência, possivelmente de deuses, embora o homem estivesse ainda vivo.» (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 152).
- ² Estes três restauros devem-se a Faulkner. Os dois primeiros não levantam dúvidas, embora Erman tivesse sugerido no segundo poder ser ꝓ (ꝓꝓꝓꝓ - ꝓw, «estar vazio»), hipótese já afastada. Mas no terceiro caso, Goedicke restaura-o com *iw (i)r h3[.sn nb]-db3w*, «quando eles rejeitarem um suborno». Filia a sua convicção na necessidade de depois da qualificação negativa das línguas, ter que surgir uma frase que transmita uma acção positiva, sendo o verbo *h3*, «opor», «rejeitar», a assumi-la. Diz onde é possível colher exemplos e refere que todos eles incluem uma pessoa como complemento directo, o que aqui também é o caso: *nb-db3w*, «a pessoa que dá o suborno». É uma explicação exclusivamente gramatical que, em nossa opinião, nem é muito consistente. Preferimos a opção de Faulkner, claramente explicada a contexto por Parkinson: «As línguas pertencem aos juizes da morte no Além, cuja parcialidade ameaça qualquer esperança numa morte indolor. A alma parece usar isto para justificar o seu desentendimento com o homem.» (R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», pp. 21-22 e 30; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 87; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, p. 17; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 155 e 161).
- ³ Estas frases iniciam o primeiro discurso do homem.
- ⁴ A palavra *ꝓnw* significa «circuito», «circunferência». A mesma palavra com um determinativo diferente quer dizer «fechar», «enclausurar». Com um terceiro determinativo é a palavra «cartela». Uma armadilha de corda podia ser ou não uma rede, daí a nossa preferência (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 268).
- ⁵ Ou «no dia de pesar», uma clara referência ao dia da morte.
- ⁶ Esta partícula proclítica no plural é mais uma indicação de que haveria mais do que um ouvinte.
- ⁷ O mais certo é termos aqui um erro por omissão do *w* do pronome dependente primeira pessoa do singular que aqui devia estar (*wi*), uma vez que não nos parece admissível que o pronome sufixo assumia o valor do pronome dependente. A palavra *ꝓ3* apresenta um caracter a mais antes dos dois últimos determinativos, que existe de facto no manuscrito (H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 218; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 1; W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, fotog. 1).
- ⁸ Nos verbos *ii* e *h3ꝓ*, foram omitidos os pronomes sufixos da primeira pessoa do singular *i*.
- ⁹ É claramente um ritualista fúnebre que, pelo menos no dia da morte, vai dizendo ou cantando orações. O verbo *nhi* significa «rezar por», que pode também ser o substantivo «aquele que reza»; o demonstrativo *pw* significa «este» ou «o»; o último determinativo dá-nos a entender que é uma pessoa.
- ¹⁰ É a mais antiga referência a este deus funerário do julgamento de Osíris, associado a Anúbis, e cuja ligação ao séquito de Tot também foi sugerida mas não confirmada (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 161; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 105; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 107).
- ¹¹ Era a sala onde o morto era julgado no tribunal de Osíris.
- ¹² A palavra pode significar «dificuldade», «carência», «miséria». Mas pelo contexto, esta «miséria» é uma «miséria física provocada pelo abandono do homem em relação ao esperado julgamento no Além» (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 210; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 107).
- ¹³ Nesta passagem o papiro apresenta um rasgão, sendo omisso qualquer vestígio de texto. Contudo, na lacuna de cerca de dois centímetros que apresenta, concordamos com Faulkner que diz ser possível restaurar aí a palavra *ꝓtpw*, provavelmente numa das suas variantes mais simplificadas, como ꝓꝓꝓꝓꝓꝓ (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 2 (linhas 17-32); R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», p. 22; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 268).



- ¹⁴ Esta é uma forma verbal relativa especial, da forma perfectiva relativa: *sdmw.n.f* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 297 e 311). É o segundo discurso de *ba*, duas simples perguntas.
- ¹⁵ Esta é uma passagem difícil e controversa. Erman propôs a leitura *ḥnt* e Sethe modificou-a para um «old perfective» *ḥnt.ti*, cuja partícula proclítica se escreve 𓏏 ou 𓏏 , e com maior raridade, 𓏏 . Mas antes destas duas palavras já temos a partícula enclítica *tr*, o que, embora pudesse ser considerado um reforço, torna esta hipótese gramaticalmente pouco apropriada. Se acrescentarmos a isto que o carácter que segue o *t* é um *p*, mais estranha é aquela versão. Bata ainda apresenta uma proposta mais estranha: *ḥnt.ti pw tr*. Faz surgir o pronome interrogativo sem que haja o carácter *w*, que nesta versão do pronome interrogativo está sempre presente. Contudo, podemos manter a proposta de Erman *ḥnt* e juntar o *p* à partícula *tr*, fazendo surgir o pronome interrogativo *ptr*, uma outra grafia para quando não se escreve visivelmente o *w*. Em qualquer dos casos, a tradução literal mantém-se muito semelhante nos vários autores: «qual o teu lucro» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 188-189, 234-235 e 406-407; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, p. 30 e fotog. 2 (linhas 17-32); H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, pp. 110-111; W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 13; R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», p. 22, 27 e 33; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 156; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 165).
- ¹⁶ Curiosamente a palavra «rico» é homónima de «vida», «existência», 𓏏 (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 233; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 47-48).
- ¹⁷ Inicia-se o segundo discurso do homem.
- ¹⁸ Outro erro ortográfico: falta a desinência do feminino na palavra *ḥdt*.
- ¹⁹ A imagem do cais como ponto de chegada após a viagem da vida, como local de desembarque para a eternidade, é usual. Aparece, por exemplo, no *Conto do Camponês Eloquentemente*.
- ²⁰ Podia estar aqui o adjectivo *ksn*, no feminino *ksnt* (𓏏), «penosa», «difícil», seguido de um demonstrativo *tw* ou *tn* (𓏏 ou 𓏏). A frase seria: «O Oeste é o cais desta penosa viagem à vista!».
- ²¹ Esta palavra não consta no dicionário de Faulkner, mas surge no de Sánchez Rodríguez com algum grau de incerteza (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 229).
- ²² É claramente uma distração do escriba: o pronome sufixo devia estar na segunda pessoa masculina do singular e não na terceira pessoa masculina singular. Em todo o caso, *tmf ḥsw* é uma forma relativa que significa literalmente «aquele que não é frio».
- ²³ Outro erro. A palavra correcta será o adjectivo relativo *nty* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 150-151). Sobre esta construção relativa cfr. A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 251
- ²⁴ Por analogia com os casos anteriores será *sdm.k* e não *sdm.k*.
- ²⁵ Ou «outro *ba* com fome»; mas uma vez que se trata de beber água à sombra, parece-nos melhor a nossa opção.
- ²⁶ A palavra 𓏏 é uma variante da palavra 𓏏 , tal como aparece na linha dezoito (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 28).
- ²⁷ Em Sinuhe B 294 também surge este vocábulo com o mesmo significado, embora aqui se possa admitir que esta cama seja o féretro. Embora a cerveja fosse uma das dádivas das oferendas, é estranha a opção, por exemplo, de Lichtheim ou de Faulkner, ao atribuírem o significado «cerveja» a uma palavra que termina com este determinativo, normalmente ligado a palavras do tipo «roupa», «vestir», «despir» e similares. Tanto mais que «cerveja» tem um termo específico, cuja transliteração embora pareça próxima, é provocada por uma grafia bem diferente: *hnkt*, 𓏏 . Sem esquecer outras hipóteses para o termo «cerveja» com menores semelhanças, mas onde o determinativo é constante e bem diferente do da palavra em questão: *hnms*, 𓏏 ; *h3mt*, 𓏏 ; *tnmw*, 𓏏 ; *dsrt* (cerveja forte), 𓏏 . (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 173, 193, 200, 300 e 325; R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», p. 27; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 165; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 156; H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, p. 122).
- ²⁸ Começa agora o terceiro discurso de *ba*.
- ²⁹ Julgamos que a referência a «terra alta» surge por oposição à «terra baixa» junto ao Nilo, que as inundações periódicas tornavam verdejantes e habitáveis.
- ³⁰ Embora a palavra «sol» tenha o determinativo de divindade, aparentemente aqui é uma referência à impossibilidade de depois de morto não ser possível voltar a ver a luz do dia. Como a palavra tem a marca de plural, obvia-



mente não teremos «sóis», mas «dias».

- ³¹ Provavelmente o primeiro determinativo será uma corruptela do carácter G. A35 (𓆎) (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 282).
- ³² Esta palavra «trabalhadores» não é no sentido dos que executam o trabalho, mas no de quem imagina as construções e supervisiona a sua construção. Em sentido moderno, será uma referência aos arquitectos e não aos trabalhadores da construção.
- ³³ O *ba* serve-se de uma parábola para demonstrar ao homem a inutilidade das preocupações em excesso.
- ³⁴ Nesta palavra há um erro ortográfico: foi omitido o *t* (𓆎𓆏𓆑𓆒) (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 6).
- ³⁵ A utilização da expressão *st3 skdwt*, significa que a embarcação ia excessivamente carregada e em sentido norte-sul, isto é, contra a corrente, tornando ineficazes os remos ou a vela, sendo por isso puxada a partir da ou das margens por cordas, com ou sem ajuda de animais (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 255).
- ³⁶ A forma *m3n* é uma variante rara do verbo «ver», *m33*, um verbo de *secundae geminatae*, isto é, um verbo cuja última consoante é igual à penúltima, 𓆎𓆏𓆑𓆒 (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 224).
- ³⁷ Nota-se nesta frase a omissão de dois pronomes sufixos na terceira pessoa do singular; devia ser *rs.f* e *pri.f*.
- ³⁸ É óbvio que é o pôr-do-sol, mas a expressão «o sol entrar» no Egipto antigo tinha um significado cultural preciso: o ocaso do sol significava a sua entrada na Duat, para iniciar o seu percurso nocturno.
- ³⁹ «Rompeu com a voz» é «quebrar o silêncio», conforme diz Sánchez Rodríguez (cfr. Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 184).
- ⁴⁰ O *ba* conta de imediato outra parábola semelhante.
- ⁴¹ Na palavra *hmt*, falta o *t*.
- ⁴² Esta passagem é pouco compreensível; é possível que o escriba tenha omitido algumas palavras. Aparentemente parece haver aqui uma altercação entre marido e mulher por causa de uma confusão entre duas refeições, provavelmente, jantar e ceia. Na introdução a este texto, onde apresentamos a sua estrutura métrica, essas ausências foram contabilizadas em função do que seria lógico aí haver por comparação com a restante estrutura.
- ⁴³ Este verbo causativo é desconhecido e é difícil encontrar um significado para ele. Ainda assim, tentando interpretar o contexto, esta é a nossa proposta: «vociferar». Tanto este caso como o seguinte, seriam mais explícitos ou, pelo menos, mostrar-nos-iam estarmos mais próximos da verdade, se tivessem o determinativo 𓆎.
- ⁴⁴ Parece ser uma forma verbal num passado relativo em relação à palavra *wš*, de um verbo igualmente desconhecido, para o qual propomos o verbo reflexo «queixar-se» (H. GOEDICKE, *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, pp. 141-142).
- ⁴⁵ Nesta proposição, enquanto o primeiro *mk* é um auxiliar de enunciação, uma partícula proclítica que dá ênfase à frase, normalmente traduzindo-se por «olha!», «vê!», o segundo trata-se de uma preposição composta, *m-^c.k*, que se utiliza como a preposição *m* e cujo significado pode ser «com», «por meio de», «a causa de», «junto com», «na posse de» ou, de forma literal, «na mão de»; neste caso, como é seguida do pronome sufixo na segunda pessoa do masculino singular, significará «contigo», «por meio de ti», «por tua causa», «junto contigo», «na tua posse», «na tua mão» (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 105; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 193-194).
- ⁴⁶ O escriba omitiu estas palavras.
- ⁴⁷ Há aqui uma confusão de palavras, o que dá origem a mais um erro. O escriba confundiu a palavra *3sw*, que aparece na linha 84, com a palavra *3pdw*.
- ⁴⁸ A palavra *mryt* apresenta, de facto, a duplicação do *r*.
- ⁴⁹ O escriba omitiu a preposição *r*.
- ⁵⁰ Nova omissão. Não haverá muitas dúvidas de que a palavra seria «soberano», faltando-lhe, pelo menos, um carácter, numa das suas grafias que incluem o carácter G. I3: 𓆎, 𓆏, 𓆑 (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 32; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 107).
- ⁵¹ Inicia-se aqui uma segunda composição poética em que o homem se diz abandonado, até pelo seu *ba*, e não encontra ninguém com quem falar.



- ⁵² O resto da linha 106 permanece em branco. O escriba recomeçou no início da linha seguinte, omitido por completo um verso que, para manter o paralelismo com toda a estrutura apresentada, deveria efectivamente constar (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 7 (linhas 95-110)).
- ⁵³ O determinativo G. A30 (𓆎) foi escrito no hierático sem braços (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 8, linhas 111-125).
- ⁵⁴ Esta construção gramatical é diferente da apresentada na linha 105, por isso o seu significado não pode ser o mesmo; enquanto o primeiro caso exprime uma acção, o segundo expressa mais um estado. Não entendemos porque é que Parkinson, Lichtheim, Faulkner ou Erman, traduzem as duas frases exactamente da mesma maneira (R. O. FAULKNER, «The Man who was tire of life», p. 27; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, pp. 166-167; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, pp. 158-159; A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, pp. 57-63).
- ⁵⁵ A partícula introdutória auxiliar de enunciação, *iw*, foi acrescentada posteriormente entre as linhas 129 e 130 (A. ERMAN, *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, fotog. 9, linhas 126-140).
- ⁵⁶ Nesta frase, a preposição *mi*, «como», foi omitida. Contudo deve ser considerada a sua existência, uma vez que está presente nos casos seguintes em que se repete esta frase. Por outro lado, há uma preposição *m* excedentária, antes do advérbio «hoje», *min*, o que não acontece nas restantes frases idênticas.
- ⁵⁷ Os dois primeiros caracteres desta palavra foram trocados. A palavra correcta seria: 𓆎𓆏𓆐𓆑 .
- ⁵⁸ Isto é, um caminho comum, vulgar, muito frequentado. É mais uma palavra que não consta em Faulkner. Melhor dito, *hwyt* é um termo que consta em Faulkner mas com o significado de «chuva», sendo escrito com o segundo carácter diferente, 𓆒𓆓𓆔𓆕 . Mas este significado não se aplica neste contexto. Parkinson, Lichtheim e Kitchen dão-lhe o sentido pelo qual optámos, que surge também como hipótese no dicionário de Sánchez Rodríguez (cf. M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 168; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 160; K. A. KITCHEN, *Poetry of Ancient Egypt*, p. 87; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 165; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 287).
- ⁵⁹ Este «homem» refere-se a um soldado e a «expedição» a uma surtida militar, já que *mšc* (𓆖𓆗) significa «soldados», «exército». Contudo, com o determinativo G. P1, 𓆘, que significa «barco», «viagem», em vez de 𓆙, determinativos de «homens», teremos uma «viagem de soldados», ou seja, uma «expedição» naval. Mas há nesta frase uma outra questão que, aliás, se repete logo a seguir na linha 141: o homem não chega a sua casa, mas à «casa deles». Referir-se-á esta terceira pessoa do pronome dependente ao colectivo *mšc* e, portanto, será «sua» no sentido geral de homens? (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 119).
- ⁶⁰ No espaço em branco a seguir ao verbo «ver» (𓆚), foi apagada a palavra «homem» (𓆛), que estava a mais.
- ⁶¹ Uma clara referência ao «outro mundo», ao Além.
- ⁶² Entre as linhas 141 e 142, ao fundo, foi acrescentada a palavra *it* (𓆜𓆝), que não faz qualquer sentido em nenhuma das frases.
- ⁶³ A barca solar em que Ré atravessa a Duat durante a noite.
- ⁶⁴ O pronome sufixo na primeira pessoa do singular, que se encontra em todas as outras vezes em que aparece esta frase, foi omitido.
- ⁶⁵ Mais uma palavra de tradução duvidosa. Aqui, não deve ter, quase por certo, o significado atribuído por Faulkner de «mola de roupa», o que, com o determinativo que apresenta, parece até estranho. Em todo o caso, o sentido parece ser «deixa-te de lamentações» ou, com um sentido bastante português «atira as tuas lamentações para trás das costas» (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 200; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 337; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 169; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 160).
- ⁶⁶ Para haver concordância gramatical entre esta frase e a anterior, o demonstrativo *pn* (𓆞) deveria estar no plural: *nn* (𓆟). Uma vez que em egípcio não há nenhum verbo para referir «posse», a expressão «este pertence-me a mim», é uma das forma possíveis de referir a posse através do *nisbe* de *n* (*ny*) mais o pronome dependente, neste caso na terceira pessoa masculina do singular (*sw*), ligados pelo signo bilítero *ns* (𓆠), que é uma redundância (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 88-89; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hieroglyphique*, p. 99).
- ⁶⁷ O *ba* é uma ave e como tal propõe-se voar alinhado com o homem: ser seu companheiro em vida e, quando o homem morrer, quando alcançar o Ocidente, ser o seu companheiro na eternidade.